

Entrevista com Profa. Dra. Monica Simas

Laboratório de Interloquções com a Ásia, FFLCH, USP



Jorge Lúzio¹

Em 2010, um passo importante foi dado nos Estudos Asiáticos no Brasil, quando foi criado no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e, junto ao Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), o “Grupo Portugal e o Oriente / Pt. Oriente – literaturas, línguas e culturas”, desdobrado posteriormente na formação do Laboratório de Interloquções com a Ásia – LIA, uma instância interdepartamental criada em 2012. Configurado de modo interdisciplinar e interuniversitário, o Laboratório que abrangia dois outros grupos de pesquisa (Pensando Goa e Línguas em Contato) do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP, surgiu com os projetos desenvolvidos no estudo das fontes da literatura lusófona asiática e nos Estudos Culturais, tornando possível estabelecer análises e discussões sobre a Ásia nos contextos da produção literária em Goa, Macau e Timor, além de estudos sobre o Japão. Atualmente, o laboratório conta com um grupo de pesquisa que investiga as relações entre linguagens e cognição e outro que estuda as literaturas clássicas chinesas, além dos grupos voltados para Macau, Goa e Timor já citados. Em seu primeiro evento, o I Congresso Internacional 500 Anos Portugal – China, realizado em 2013 na Universidade de São Paulo, e dos contínuos Seminários Abertos realizados desde 2014, contribuições significativas vêm sendo apresentadas na construção dos Estudos Asiáticos e Orientais por pesquisadores brasileiros como campo de pesquisa.

As investigações concentram-se nas diversas áreas da História, das Artes, da Filosofia e nos Estudos de Linguagens em contato com as culturas orientais, como os

¹ Doutor em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, mestrado em História pela mesma instituição e estágio doutoral na Universidade de Évora - Portugal (Bolsista CAPES Sanduíche). Desenvolve projeto de Pós-doc interdisciplinar em História da Ásia, com trabalho em andamento na Universidade Federal de São Paulo, sobre estudos em cultura e representação nas relações étnico-raciais. E-mail: jorgeluzio@hotmail.com

orientalismos, as sinologias e o Jesuitismo no Oriente. Dos Estudos Orientais, os temas que emergem dos estudos literários e dos estudos pós-coloniais se articulam, predominantemente, com os estudos da China e de Macau; da Índia e de Goa, e do Japão, além das circulações e das relações luso-afro-asiáticas com o Brasil. O Laboratório busca aprofundar as pesquisas sobre os espaços que se formaram nas rotas do Império português em direção ao Oriente e observar os contatos culturais para superar o localismo em direção às perspectivas interculturais e interdisciplinares como propostas para se repensar e renovar modelos de interação cultural.

A Profa. Dra. Monica Simas, uma das idealizadoras e coordenadora do Laboratório, comenta sobre a trajetória do LIA e sobre a construção deste campo de pesquisa no Brasil, entre seus avanços, suas demandas e desafios.

Dr. Jorge Lúzio: Como se iniciou o seu percurso nos temas voltados ao Oriente e à Ásia?

Dra. Monica Simas: Primeiro, seria preciso dizer que a Ásia e o conjunto de conhecimentos que denominamos “orientais” são parte constitutiva da identidade brasileira, pois em diversos campos eles estão presentes, como nas artes, na arquitetura, nas técnicas de cultivo agrários, na medicina, na cultura corporal, etc. Então, desde que morei em São Paulo, entre os 9 e 13 anos de idade, tive contato com as culturas chinesa e japonesa, além das do Oriente Médio. No Rio de Janeiro, a partir dos 14 anos, comecei uma longa trajetória nas artes marciais internas; depois nos estudos filosóficos chineses, principalmente os do taoísmo. Quando terminei o meu mestrado, que tratava de um estudo sobre as cidades na obra de Eça de Queirós, ocorreu-me que Macau poderia ser uma cidade importante para pensarmos sobre as conexões entre mundos e, imediatamente, comecei a busca de fontes e de estudos para elaborar um projeto de doutorado. Isto foi em 1997, e desde este ano, esta tem sido uma busca ininterrupta. Em 2001, defendi a tese que foi publicada (de forma resumida) em 2007 com o título *Margens do destino: Macau na literatura em língua portuguesa*, pela editora Yendis; também em 2007 foi a primeira vez que visitei Macau; em 2010, criamos o grupo “Portugal e o Oriente: literaturas, línguas e culturas”; depois o LIA, em 2012, e de lá pra cá viemos nos reorganizando e agregando diferentes pesquisadores do Brasil e do exterior.

Dr. Jorge Lúzio: Os Estudos Orientais e Asiáticos compõem uma área complexa e multidisciplinar. Qual a sua visão sobre os parâmetros metodológicos no trabalho com as fontes referentes à história e às culturas asiáticas, em função da distinção entre as fontes produzidas por europeus e as fontes dos asiáticos?

Dra. Monica Simas: Essa é uma pergunta bastante importante e complexa. Mesmo nas historiografias produzidas na Europa existem parâmetros muito diversos quando estudamos as histórias dos impérios, dos colonialismos, dos orientalismos. Em 1998, fiz um curso na Universidade da Arrábida sobre historiografias dos impérios, sob a direção do Professor Diogo Ramada Curto da Universidade Nova de Lisboa, e pude verificar essa multiplicidade de versões, de métodos, de enfoques. Por isso, penso que uma primeira exigência para estes estudos seja o de estabelecer contornos do objeto de pesquisa bem claros e definidos, apontando àquelas perguntas sobre as circunstâncias; quem fala, de onde, com qual bagagem, em que tempo, com qual objetivo, etc. Pensar as circunstâncias que geram um conhecimento é fundamental. Como sabemos, os que estão envolvidos nestes estudos, a própria divisão “Ocidente x Oriente” é circunstancial, já que a compreensão sobre o espaço envolve elementos simbólicos e perspectivas locais. Para dar um exemplo, o periódico que circulava em Macau, sobre os assuntos sínicos, tinha o nome “Ta-Ssi-Yang-Kuo”, com o subtítulo “Arquivos e anais do Extremo-Oriente português”. No entanto, a expressão em chinês corresponde ao modo como os chineses costumavam nomear a Índia (Grande País do Ocidente), e por extensão, em Macau e em Ghanzou, os assuntos ligados à Índia portuguesa. Para a China, a Índia sempre esteve a ocidente. Não existe um meridiano definido para estabelecer o que está a ocidente ou a oriente como acontece com a linha imaginária do Equador, a meio caminho do Pólo Norte e Pólo Sul, dividindo o planeta em hemisfério norte e sul. O problema das fontes é imenso porque precisaríamos desenvolver ao máximo a intermediação linguística, aquisição de outras línguas, bem como fomentar traduções, o debate que as atravessa e trabalhos coletivos para ampliarmos a comunicação e o escopo dos diversos estudos. Arrisco-me a dizer que este é o maior desafio dos nossos estudos juntamente com o que chamo de “abertura metodológica”, que seria aprofundarmos as bases dos vários pensamentos, criando metodologias próprias. Não vejo muito sentido no nome “laboratório” se não for para realmente buscarmos experimentar novas formulações diante dos problemas que se apresentam na nossa realidade. E as possibilidades mais importantes parecem vir das conversas entre estudiosos de diferentes áreas. Temos muito a

fazer porque é necessário descrever, circunstanciar, mostrar processos (históricos, sociais, literários, filosóficos, educacionais), mas também criar modos de operar, de conhecer. Esse é um grande risco a que os laboratórios devem estar sujeitos. Digo isso porque ao longo desses anos verifico que temos um horizonte infinito pela frente, mas, na prática, e por várias pressões, os pesquisadores tendem a se agarrar ao mais familiar (incluindo suas bibliografias de formação), ficando enredados numa engrenagem que os fazem não saírem das projeções e expectativas do seu lugar de origem. Ora, o fato de os assuntos orientais serem ainda tratados como “exóticos”, como algo do mundo do “fora” e do “estranho”, só reforça esse comportamento, já que os pesquisadores, para lidarem com este “estranho”, acabam por buscar enquadrá-los ao máximo dentro das discussões acadêmicas mais usuais, o que implica, por sua vez, usar bibliografias que já tenham um reconhecimento prévio, etc. Esse comportamento fortalece a repetição e não valoriza a criação de novos modos de pensar. É natural que no início sejamos mais presos à roda das nossas formações e que depois passemos às experiências mais alargadas. O problema é quando essa mão se inverte. Para isso não acontecer é preciso uma atenção extrema e muita força de vontade.

Dr. Jorge Lúzio: Além das temáticas e dos objetos, na sua opinião, de que modo a Literatura mais contribui com as investigações sobre os estudos Orientais e Asiáticos no Brasil?

Dra. Monica Simas: Há uma contribuição muito importante no que se refere às construções de memórias coletivas, onde a literatura exerce uma função muito própria. A literatura, como gostava de repetir Alfredo Bosi, é um veículo privilegiado para o transporte de subjetividades, ou seja, dos imaginários. Para os nossos estudos, a literatura, então, é este veículo que transporta as projeções imaginárias que uns povos fazem dos outros, que um “eu” faz de um “outro”. Foi Homi Bhabha, ao que parece, que explicitou a ideia de que a literatura poderia ser pensada como o estudo das projeções das alteridades. Por outro lado, para as artes, incluindo a literatura, as ambiguidades, ambivalências e deslizamentos de sentidos são poderosas forças criativas, principalmente quando pensamos em estudar os processos de negociação em ambientes multiculturais. O Brasil é um país multicultural com várias línguas, que tem a sua história atrelada à rede que os impérios formaram participando

na negociação de sentidos dessa rede, mas ainda pouco conhecida entre nós.

Dr. Jorge Lúzio: Em que medida o colonialismo nos países asiáticos e os debates contemporâneos se articulam com os quadros políticos no Brasil e nos demais contextos no âmbito Sul-Sul?

Dra. Monica Simas: Veja bem, Macau já é Norte, mas que certamente participa da sua interrogação acerca do âmbito “Sul-Sul” justamente pela rede que me referi na resposta anterior, que os impérios e os colonialismos formaram. Existe uma tendência mundial de se estabelecerem organizações intergovernamentais ou uniões políticas e econômicas com o intuito de salvaguardar sobrevivências e solidariedades frente a processos hegemônicos no contexto da globalização. Um dos principais problemas do Brasil é o fato dos seus quadros políticos desconhecerem as negociações praticadas nessas redes, por ignorância ou por propósito ideológico, e, sendo assim, não poderem projetar as suas atuações internacionais de um modo eficaz. O Brasil, como se sabe, assimilou os procedimentos coloniais internamente e parece ter uma intenção de aprofundar ou mascarar as idiossincrasias existentes em vez de combatê-las. O Brasil só poderá consolidar um eixo econômico-político internacional viável e de interesse à maioria dos seus cidadãos quando os quadros políticos se interessarem em conhecer melhor as relações subalternas que se desenharam nos processos coloniais e integrarem esse conhecimento nos seus planos de internacionalização e de educação.

Dr. Jorge Lúzio: Em sua opinião, quais as tendências historiográficas e literárias na produção de pesquisa sobre as temáticas referentes à História e Culturas da Ásia?

Dra. Monica Simas: Tentarei fazer um resumo no âmbito dos estudos literários que, provavelmente, não dará conta da multiplicidade de estudos envolvidos, mas, por um lado, existe a tendência a abarcar esses espaços no âmbito do desenvolvimento das historiografias europeias e americanas mais voltada para a expansão das descrições temáticas e de produções autorais. Também pode-se pensar na tendência de uma expansão pelo viés das línguas que se projetaram durante a constituição dos Estados Nacionais. É o

caso, por exemplo, dos estudos que pensam “as literaturas em língua portuguesa” ou “em língua inglesa” ou “em língua espanhola”, etc. Um caminho mais recente, nos estudos literários, é o que pensa em historiografias multilíngues, buscando observar o comum e o diferente entre elas em um mesmo espaço ou em rotas que tendem a seguir as mobilidades dos povos.